

RESUMO - 3. DETERMINANTES SOCIAIS, CULTURAIS E AMBIENTAIS DA SAÚDE

DIFICULDADES ENFRENTADAS NO ATENDIMENTO ÀS FAMÍLIAS INDÍGENAS EM UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO NEONATAL NA REGIÃO AMAZÔNICA.

Rosilene Da Silva Carvalho (silvafilha3@gmail.com)

Ellen Mara Fernandes Da Silva (ellemfs.ef97@gmail.com)

Eliene Sousa Da Silva (elienetbeg@gmail.com)

Fabielle Pimentel De Aguiar (fabiellepimentel@gmail.com)

Izabel Alice De Figueiredo (izaafigueiredo@hotmail.com)

Juliana Alves Marinho (julianaalvesmarinho@hotmail.com)

Mirlane Da Costa Frois (mirlanefroes17@gmail.com)

Rodiney Silva Da Costa (rodineyfenix@yahoo.com.br)

Ednaldo Pereira Maranhão (ednaldomaranhaopereira@gmail.com)

Déborah Staney Martins Rocha (staneylm@yahoo.com.br)

Franciane De Paula Fernandes (franciane.fernandes@uepa.br)

Sheyla Mara Silva De Oliveira (sheylaoliveira@uepa.br)

Introdução: O atendimento neonatal em unidades de terapia intensiva na Amazônia enfrenta desafios devido à diversidade cultural e geográfica das populações indígenas. No Hospital Regional do Baixo Amazonas, que atende

várias etnias indígenas, as dificuldades se destacam em aspectos como comunicação, deslocamento e integração das práticas culturais. Essas populações enfrentam barreiras significativas, dificultando a compreensão e a desconfiança no modelo biomédico, frequentemente distante de suas crenças e práticas de cuidado. Objetivo: relatar a experiência da equipe de enfermagem frente às dificuldades na comunicação enfrentadas no atendimento a famílias indígenas, especificamente das etnias Tupinamba, Wai Wai e Munduruku, em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) na cidade de Santarém. Metodologia: Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência vivenciado por profissionais de Enfermagem em uma Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) no período de janeiro a julho de 2025, no Hospital Regional do Baixo Amazonas. A experiência se deu durante o acompanhamento do atendimento a famílias das etnias Tupinamba; Wai Wai e Munduruku. Resultados: A experiência profissional na UTIN com pacientes internados das etnias Tupinambá, Wai Wai e Munduruku, mostrou-se desafiadora, especialmente no que se refere à comunicação com os familiares. As principais dificuldades relacionaram-se ao limitado domínio da linguagem portuguesa, à compreensão insuficiente dos termos técnicos, bem como procedimentos e de acompanhamento do prognóstico de saúde dos menores internados. Observou-se a presença do silêncio e insegurança por parte dos familiares o que resultou em participação familiar reduzida no cuidado. Diante dessas dificuldades, a equipe multiprofissional passou a adotar estratégias para reduzir essas barreiras e promover maior acessibilidade comunicativa na assistência. A priori foram utilizados recursos de linguagem não verbal por meio de expressões, desenhos e demonstrações da prática assistencial aos neonatos, além do apoio de intérpretes, em algumas vezes a presença de acompanhantes bilíngues provenientes das próprias comunidades indígenas. Essas estratégias mostraram-se relevantes ao favorecer a melhoria na compreensão das orientações multiprofissionais, do acompanhamento do tratamento e do estado clínico além de favorecer o fortalecimento do vínculo familiar e da equipe. A assistência prestada pela equipe ocorreu de modo humanizado, considerando os aspectos culturais, sociais e familiares dos indígenas atendidos evidenciando que a comunicação é base para a humanização do cuidado, na promoção da segurança ao cuidado, além de mitigar barreiras de vulnerabilidades mesmo em um ambiente tecnológico e complexo com a UTIN. Considerações Finais: A experiência vivenciada na UTIN, evidenciou que o atendimento neonatal e a assistência as famílias indígenas das etnias Tupinambá, Wai Wai e Munduruku, possuem barreiras

linguísticas e culturais intensificada pela complexidade do ambiente hospitalar, particularmente da UTIN, uso frequente de linguagem técnica, tendenciando à insegurança e restrição do diálogo pelos familiares. A adoção de estratégias mostrou-se eficazes na promoção do cuidado, considerando os fatores sociais e culturais presentes. No entanto, é essencial que políticas públicas e capacitações contínuas estejam presentes no contexto hospitalar, para assim dispor de ferramentas capazes de promover uma abordagem assistencial intercultural que garanta qualidade e equidade no atendimento a populações vulneráveis, como os povos indígenas.

Palavras-chave: saúde indígena; barreiras culturais; populações vulneráveis.